

O TYMBIRA.

S. Paulo, 26 de Maio de 1860.

No dia 12 do corrente mez teve lugar a abertura da Assembléa Geral Legislativa, anciosamente esperada por todos os que se interessão pela prosperidade do paiz.

Na falla do Throno descreveu o ministerio o estado da nossa politica exterior, e vindo as quetões da politica interna apresentou ao Corpo Legislativo as medidas, e reformas a que cumpre attender.

Não pretendemos estudar succizamente a falla do Throno, e sim aventurar sobre ella algumas considerações que nos occorrem.

Quanto ao que diz o ministerio acerca de nossas relações exteriores, observaremos que estimamos que o Brazil esteja, e continue a estar em paz com as potencias europeas, mas que essa paz não seja o resultado do sacrificio da nossa dignidade, e bríos de Nação livre e independente.

A nossa posição relativamente aos Estados do Prata é sempre triste. Temos tractados concernentes a diversos objectos, mas esses tractados dependem de ratificação da parte dos congressos d'esses Estados, e Deus sabe se serão ratificados.

Na guerra que se ateou ultimamente entre Buenos-Ayres, e a Confederação Argentina, a mediação que offereceu o Brazil foi repellida por esta ultima Republica.

A Assembléa Legislativa deve considerar todos esses factos que tanto depõe contra nós, e pedir ao ministerio contas do modo por que tem procedido.

No que diz respeito a politica interna é gigantesco o plano do ministro.

D'entre as muitas medidas e reformas que apresenta releva que a Assembléa considere quaes as mais necessarias, e as estude com calma e reflexão para que quanto antes sejam levadas a effeito.

Um facto que salta aos olhos de todos é que a diminuição dos generos alimenticios vai-se fazendo sentir e o povo começa a soffrer. Indaguem as causas do mal para ministrar-lhe remedios heroicos, e evitar as consequencias da fome sempre desastrosas aos que governão.

O mal resulta da falta de braços que cultivem nossas terras, de homens trabalhadores que se entranhem por nossas Provincias para converter as mattas virgens em terrenos de producção. Nosso solo é tão fertil, e vasto! Por que não aproveitá-lo?

Favorecei a colonisação, estabelecei medidas conducentes a chamar a nós homens de moralidade e trabalho. Encontre o colono que deixa sua terra natal, protecção e abrigo debaixo de nosso céo, que a emigração apparecerá.

Sem estradas, porém, que dêem facil trajecto e poue^o dispendio aos emigrados, os mais decididos esforços produzirão poucos fructos.

Procurar abrir estradas geraes, e estudar os meios mais convenientes de facilitar a emigração, deve ser o primeiro cuidado dos Poderes do Estado.

Comprehendemos as difficuldades da obra e somos os primeiros a reconhecer que o Estado não pode prescindir, para levá-la a effeito, do concurso e auxilio de todos os brazileiros. Os fazendeiros, ricos senhores de nossas terras, bem podião coadjuvar o governo na realisação de idéas tão uteis.

E' muito sabido o que acabamos de dizer, e tem sido ja muito repetido, mas não faz mal que o TYMBIRA, que quer realmente o interesse do paiz, falle de cousas já muito repetidas, mas que ainda não tem sido postas em pratica.

Na ordem administrativa as idéas que apresenta o ministerio devem merecer o estudo e a attenção de nossos legisladores. De ha muito que se fazião sentir os inconvenientes da distração dos membros do corpo legislativo de suas funções para irem administrar provincias. A creação da carreira administrativa, onde appareção homens que se dediquem ao estudo de um importante ramo da sciencia, o administrativo, e praticamente vão conhecendo as necessidades das diversas provincias, é um bello pensamento, uma grande idéa digna das sympathias de todos os que estudão, e pensão no futuro do nosso paiz. No realisá-lo porém é necessario todo o cuidado.

Importa que as demais attribuições que forem conferidas aos presidentes o sejam no intuito de desapertar convenientemente os laços da centralisação, e que sejam respeitadas os direitos que pelo acto adicional pertencem as Assembléas provinciais.

A organisação do Conselho de Estado tal como existe entre nós não póde por mais tempo continuar, sem ser modificada, e suas attribuições bem definidas. Inutil como está constituido actualmente, pode vir a prestar bons serviços, desde que for erigido em tribunal responsavel. Entendemos que a reforma do Conselho de Estado deve ser feita n'este sentido.

Torna-se indispensavel que na presente legislatura tomem-se medidas decisivas acerca da questão financeira, que de ha tanto se agita no paiz. A liberdade bancaria moderada, que não pode deixar de produzir bons resultados julgamos que deve ser garantida.

São estas as questões de mais peso, e interesse, a nosso juizo, que devem ser resolvidas.

Consideramos uteis as demais idéas apresentadas na falla do Throno, mas é claro que se devem preferir as que de mais perto estão ligadas as necessidades de nosso paiz. Além d'isso antes fazer pouco e bem, do que muito e mal.

Se forem definitivamente resolvidas as questões, que apontamos, o Brazil muito lucrará.

Mas para esse fim é necessario uma Assembléa composta de bons brazileiros, e um ministerio, filho genuino da opinião publica, que se compenetre das idéas de liberdade, e progresso e vá por diante preparando o futuro do paiz.

NO entretanto esperemos.

Qualidades exigiveis nos representantes do povo.

Quando encaramos a assembléa legislativa, sentimos profundo respeito por esta corporação, que tem por fim tractar e velar da vida, honra e propriedade do povo: consideramol-a como a verdadeira salvaguarda dos seus direitos, nem sempre respeitadas pelas rebeldes vontades d'aquelles que não moldão as suas idéas, os seus pensamentos pelo cadinho da religião e da justiça; consideramol-a como o paradeiro onde vão quebrar-se as paixões desregradas dos particulares e do poder—dos particulares quando atirando-se na senda tortuosa das arbitrariedades, e da injustiça, são chamados a ordem por meio de leis beneficas e corretivas—do poder quando querendo em vez da lei plantar as disposições de uma vontade fallivel e arbitraria, ou quando tentando invadir o dominio que não lhes pertence e que não pertencerá já mais emquanto o povo quizer um governo livre, não querem marchar no dominio, que lhe tem marcado liberaes constituições e é chamado a ordem por meio da responsabilidade que deve ser sempre effectiva.

E' pois necessario para que essa corporação cumpra a sua elevada missão, que os seus membros tenham sciencia, independencia, e franqueza; sciencia para innocular no paiz idéas e disposições que tragão como consecrarios na moral, respeito aos bons costumes, na religião respeito ás leis sacras de Deos, na sciencia garantias da parte d'aquelles que vão ser instructores da mocidade e garantias ao livre correr do pensamento, nas artes protecção talvez sem limites para que o genio não morra e engrandeça a patria, na industria a liberdade e o florecimento, no commercio liberdade e abolição das leis que o vexão, na colonisação garantias solidas as partes contractantes, no exercito disciplina e leis de conformidade com as idéas do seculo 19 (1), na marinha

(1) Não somos partidarios daquelles que sustentão a necessidade dos exercitos permanentes em toda e qualquer phase da sociedade. Em relação ao nosso paiz julgamos ainda necessaria esta instituição até que a instrucção tenha mais penetrado no corpo da nossa sociedade; por enquanto queremos mais brandura em nossas leis militares, pois a este respeito seguimos a opinião do illustrado e habil advogado o Dr. Luiz Fortunato de Brito—que em certa defeza que fez no tribunal militar na Côte disse que as nossas leis militares são anachronicas e incompativeis com as instituições que nos regem.

Mas tarde faremos um artigo sobre esta materia e então desenvolveremos as idéas enunciadas.

augmento em proporção as forças do estado agentes e officiaes e marinheiros nacionaes; e em summa florecimento do paiz, instrucção ao povo e liberdade nos direitos que lhes concede a sua natural soberania.

Independencia para que possam emittir os seus pensamentos com plena liberdade sem temerem desa-feiçoados, para que possam se conservar em seus postos de bemfeitores do povo, sem que venha a corrupção invadir as suas almas, para que possam responsabilisar o poder quando criminoso, para quando infames propostas lhe forem apresentadas as possa repellir como insulto, para que possam mostrar que a posição que occupão é tão grandiosa por serem mandatarios do povo que delles se tenha de dizer o que os Romanos disserão de M.^r Curins; Quem nemo ferro potuit superare nec auro.

Franqueza para apresentarem-se ao paiz com todas as suas idéas e convicções evitando assim que os seus concidadãos arreceem-se de ver n'elles inimigos em vez de protectores: a franqueza é um dever que lhes impõe a missão que elles tem, aquella de representar as idéas de seus constituintes, pois é necessario que estes conheçam se elles executão o seu mandato como devião ou se incobrem os seus pensamentos na esperança de com a protecção do poder galgar alguma *bó*a posição, ou se em vez de cumprirem com as idéas que jurarão sustentar, se apresentão como defensores de contrarias idéas.

Na franqueza temos incluído a veracidade em todos os seus actos, ou antes a consciencia de que todas as idéas que apresentão são viridicas, grangeando assim a reputação de caracteres illibados e de homens de convicções firmes e sinceras: assim quando tiverem de incriminar o poder não devem de ir com as suas idéas fundamentadas em indícios e falsas presumpções, porém sim em provas decisivas e documentos justos; assim quando tiverem de sustentar ou votar uma idéa ou da ordem politica, ou scientifica ou artistica não devem subir a tribuna e dar o seu voto sem plena convicção do que fazem, porque desde que faltar-lhes convicção, não sabem se a idéa para cuja victoria concorrem com a sua palavra ou voto, tem ou não de fazer bem ao paiz; e é justamente n'este caso que habeis escriptores dizem que é mil vezes preferivel deixar de votar que votar, entre elles temos a autoridade do Snr. Silvestre Pinheiro que assim se exprime: «nas questões em que um membro de uma assembléa legislativa for por tal modo hospede, que em consciencia, não tenha mais razão para aprovar, do que para rejeitar, em que elle nem mesmo pode conjecturar de que lado está a verdade a não ser pela simples autoridade de outros vo-gaes, que é o que representaria o seu voto? Nada mais do que o que ja valiam os daquelles cuja autoridade elle seguisse. Como porém aquella opinião pode ser erronea; os votos de confiança

que o fossem apoiar, e sem os quaes ella não obteria maioria, contribuiriam a fazer passar um erro, sem convicção da parte d'aquelles que assim o apoiassem, isto é: contra o dictame das boas consciencias.»

Isto quanto ao voto, quanto ao subirem a tribuna para defenderem idéas sem convicção ainda é mais censuravel, porque alem de accrescerem novos sophismas ao erro, roubão o tempo aos que de convicção fallão, e illudem a expectativa do paiz que quer a verdade e só a verdade, e nem se diga que não existem representantes similhantes, não indo muito longe ahi estão em nosso paiz os annaes das assembléas para protestarem, e elles fallão bem alto quando vemos nas Camaras o fatal processo das protelações que serve antes para a completa ruina das idéas que para sua victoria.

Estigmatizando a idéa da protelação ainda nisto mostramos o nosso aferro ao principio da vontade popular, porque entendemos que desde que o povo tem constituído os seus mandatarios, o que a maioria decidir é o que deve ser acceito como seo pensamento, e a minoria rebellando-se contra essas decisões leva a pecha de desrespeitadora de seus mandantes; com isto não queremos estabelecer que a minoria deva obediencia passiva a maioria, mas sim que a minoria pode usar dos meios legais, isto é, da palavra para impedir a passagem de tal ou tal medida, usando della porém com a mira de convencer ou protestar, mas não de protelar.

Em summa o representante do povo deve de querer o bem do seu paiz, para conseguil-o exige-se sciencia, independencia e franqueza, que por sua vez comprehendem a moralidade ou virtude.

A.

O jornalismo.

E' innegavel e tem sido mesmo apregoado por innumeraveis escriptores que o *jornalismo* suffocou o *livro*. O povo como que estima mais a leitura de artigos de momento e de palpitante interesse escriptos na occasião opportuna, tendo esse *sal* de actualidade, do que essas immensas obras, que sendo aliás bellas na fórma e profundas na idéa comtudo cansam o espirito de homens a quem pouco tempo resta de sua vida trabalhosa e que rem então recreiar os espiritos com a leitura de artigos ligeiros.

Com isto que acabo de apontar, não pense algum pessimista, que queira eu condemnar o *livro* e lançal-o ao olvido. Não, respeito nesses monumentos mudos o genio dos grandes homens que sacrificaram dias, annos, saude e bens em beneficio da humanidade e fizeram-na dar mais um passo para a perfectibilidade; mas digo que a leitura dessas obras não cabe a todos, porém sim a uma parte muito diminuta da sociedade, emquanto o jornal percorre todos os lugares, desde o *palacio do enfatuado fidalgo* até á casa do honesto lavrador.

A transmissão da idéa pelo jornal é mais rapida,

encontra-se ahi o util ao lado do agradável; depois da leitura de uma dissertação de um ponto intrincado da sciencia o espirito refocilla-se nas ficções bellas e enredos excitantes de um romance. O jornalismo pois representa um papel muito e muito importante n'um paiz constitucional como o nosso, profligando com severidade os desmandos do poder; illustrando a nação e educando-a mesmo na vida politica por meio de suas discussões, representando nessa tribuna universal a opinião publica tantas vezes menosprezada, porém tantas vezes vencendo e aniquilando com a sua omnipotencia os pigmeus que ousam affrontal-a; apresentando ao paiz as discussões das camaras para que elle saiba a maneira pela qual os seus representantes cumprem a honrosa e espinhosa tarefa de que foram incumbidos.

Se tão alta e importante é a missão do jornalismo todas as vezes que elle decahe de seu pedestal e chafurda-se no lodo das intrigas e calumnias, devassando o seio honesto das familias e usando de um direito sagrado não para desaggravo da lei offendida, mas para atassalhar a honra e a dignidade da autoridade, então já não é mais a *patavra da nação* é o pelourinho na praça publica!

Entre nós o jornalismo vai todos os dias rodeando se de mais importancia e mais prestigio. Passados esses tempos do dominio suffocador de um partido que acobertava as suas arbitrariedades com o *salus populi*, passados esses tempos de somnolencia e marasmo politico em que o paiz cambaleava como um ebrio por falta de governos que comprehendessem a sua santa missão e que não eram despertados pela voz poderosa da nação, levanta-se magestoso o jornalismo, reaparece o enthusiasmo politico e com elle o civismo.

Desgraçada é a nação que mostra-se indifferente á marcha que seguem os negocios publicos e entrega-se descuidosa aos braços de seus *tutores*, pois quando quizer, n'um momento de máo humor, desprender-se de seus braços talvez já seja tarde.

Porém, mercê de Deos, não estamos neste caso difficil, a nação brasileira julga-se grande contemplando esta natureza vigorosa e recebendo ardor e enthusiasmo pelo bem publico dos raios ardentes deste sol nosso primeiro cidadão, na expressão poetico-politica do Sr. C. de Ribeyrolles e por isso não se deixará manietar por uma *olygarchia pretenciosa*.

O jornalismo da côrte e das provincias pronuncia-se, discriminam-se as idéas; combate-se com armas leaes de cavalheiro e repelle-se o punhal do salteador; discute-se com enthusiasmo e deixam-se de parte odiosidades e recriminações.

A nação desperta e já se ouve o ruido de uma voz que pede remedios para os males que o affligem, e essa voz manifesta-se pelo jornalismo.

Pois bem, Deos inspire o jornalismo.

* *

Artes.

II.

(Continuado do N.º 3.)

A arte tendo por fim enobrecer o coração do homem, e formal-o para as grandes idéas pela representação do bello ideal, diversifica —contudo— seguindo os elementos com que joga.

D'ahi a grande divisão em *artes liberaes*, e *artes mechanicas*; ou como dizem outros em artes de *vis-ta*, artes de *ouvido*.

As *artes liberaes* chamão-se ainda *bellas artes*, e recebem a denominação de *plasticas* ou *estheticas*, si realisão o bello no espaço ou fora delle. A escultura, e a pintura, por exemplo, chamão-se—*plasticas*; a poesia, e a musica—*estheticas*.

O artista porém não terá realisado o seu sonho, nem a arte alcançará o seu triumpho, si por meio desses elementos, mais ou menos materiaes, não fizer acordar em nossa alma, alguma coisa de superior de invisivel, que nos eleve a gosar, como si viveramos no seio de Deos.

Conseguir tão grandioso resultado, é tocar á verdadeira *expressão*. E' la que o artista se coroa genio.

Mas, com quanto seja a *expressão* a medida da arte, não é menos certo que nem todas a tem no mesmo grao, para produzir em nós o mesmo numero de affectos. A pintura, por exemplo, não nos falla tanto ao coração, nem ahi desperta tantas emoções como o faz a musica pela magia de seus sons.

Cabe aqui examinar qual dellas será a mais expressiva, para se lhe assignar o lugar de primasia.

Na antiguidade era decerto a escultura a primeira das artes, porque ahi tudo se limitava á belleza da forma; e ninguem como Phidias, tanto se fizera admirar, dando ao mundo suas estatuas immortaes.

O mundo antigo porém cedeo ao mundo novo, e o christianismo ergueu-se triumphante derribando o paganismo.

Novas idéas então vierão inspirar aos genios, e dar nova vida as artes. O homem, sentindo cahir-lhe no coração a gota sagrada do sangue Divino, ellevou-se á idealidade, e as suas produções começárão de trazer esse cunho espirital que divisara no seu Redemptor.

D'ahi o progresso d'aquellas artes menos materiaes, e a paralisação das glorias do paganismo. A escultura, pois é necessariamente antiga; e o proprio Miguel Angelo, no dizer de Cousin, não fez a força de genio, senão demonstrar a impossibilidade d'uma escultura moderna.

A pintura porém, toda christã, ostentou-se em todo o vigor nos tempos de verdadeira fé, no pincel immortal de Raphael, e ainda hoje brilha em sua maior grandesa ao lado de David e outros.

Mas por isso, será ella a primeira das artes? Não.

Si bem que disponha de grandes recursos, da luz, da cor, da natureza inteira, ainda não é assaz poderosa para tocar-nos o intimo d'alma.

A musica lhe vence por isso.

Com seus elementos invisiveis, ella está superior á pintura pela força de suas impressões, pela magia com que desperta em nós a dor, ou o praser. Vaga, intima, e sublime, ella commove-nos mais do que nem uma outra. E quando unvida pelo sopro da religião, o homem parece ver o paraizo, á cada som que lhe cahe no coração. A musica religiosa abre-nos por assim dizer as portas á eternidade, e faz-nos parar extasiado na contemplação mystica da propria Divindade!

Mas, ainda assim, a partir da expressão, ella não pôde occupar o primeiro lugar: esse compete-o á poesia.

Esta tendo por instrumento a palavra, como que reúne em si tudo aquillo que especialmente nos en-

canta nas outras. Da-nos a belleza da forma da escultura, a vastidão e o luxo da pintura, a profundesa e o infinito da musica, e mais que tudo isso—ainda o pensamento. Uma só palavra, quantas idéas não nos recorda, quanta grandesa não encerra!

Deixarei á este respeito fallar o proprio Cousin á quem tenho seguido para dar, entre as artes, o primeiro lugar a poesia. «*Quel monde d'images, diz elle, de sentiments, de penseés à la fois distinctes et confuses, suscite en vous ce seul mot: la patrie! et cet outre mot, bref et immense: Dieu! Quoi de plus clair et tout ensemble de plus profond et plus vaste!*»

A vista disto é claro que a poesia é a primeira das artes, pelo poder que tem de—mais expressivamente—appresentar-se ao nosso espirito, e ahi despertar maior numero de affectos.

Uma questão ainda.

Será a poesia a copia da natureza? o artista um mero copiador?

Não é uma questão banal esta. David succumbio á força de Quatremere.

Eu abraço-me aos que advogão a causa do bello ideal. A natureza, he certo, auxilia admiravelmente ao artista, mas não é crível que somente a imitação della seja capaz de leval-o a conquista da immortalidade. Ha nelle alguma coisa de mais alto, que lhe não dá a natureza, e que—em sua contingencia—fal-o acreditar-se um segundo creador.

Não foi decerto na contemplação da natureza, que o artista achou o modello para tirar do marmore o Apollo do Belvedero. Quem deu a Raphel o poder de arrancar da tella uma VIRGEM divina e humana ao mesmo tempo? Onde é que Rossini foi buscar sons e harmonias para fazer de *Guilherme Tell* um primor d'arte? A natureza si bem que vária e admiravel é contudo incapaz de bastar á magnitude de suas aspirações. E é isso sem duvida, o que fazia, diz Raphael, escrevendo não sei a quem.

Essendo carestia e de' buoni giudici e di belle donne, io mi servo di certa idca che mi viene alla mente.

E' que o amante de Fornarina amava a perfeição absoluta. Era o infinito que elle tinha dentro em si.

S. Paulo 22 de Maio de 1860.

F. L.

No dia 19 do corrente foi exonerado do cargo de Delegado de Policia o Dr. Francisco Leandro de Toledo.

De convicções liberaes, durante o tempo em que exerceu a Delegacia soube collocar-se acima dos interesses illegitimos dos partidos para só attender ao reclamo da justiça.

Cometteo erros talvez, como todo o homem, mas ninguem poderá contestar a severidade de seus costumes, os serviços que prestou pugnando pela observancia da lei, e a inflexibilidade de seu character quando se tractava da punição do criminoso.

Sentimos sua retirada da Delegacia, e dirigimos-lhe sinceros parabens pelas puras intenções com que procurou cumprir sempre com os seus deveres.